


PAISAGENS, CAMINHADAS E LAZER: UMA ABORDAGEM SISTÊMICA DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM LINHA NOVA/RS

Recebido em: 14/03/2024

Aprovado em: 02/05/2024

Licença: 

*Christian Albers*¹

Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Feliz (IFRS)

Feliz – RS – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8804-0573>

*Michele Barth*²

Universidade FEEVALE

Novo Hamburgo – RS – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8066-5712>

*Dieter Brackmann Goldmeyer*³

Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Feliz (IFRS)

Feliz – RS – Brasil

<https://orcid.org/0009-0001-7266-248X>

RESUMO: O objetivo deste estudo é compreender as correlações e interações entre a paisagem, caminhadas de lazer e o contexto sistêmico de desenvolvimento turístico na cidade de Linha Nova, Rio Grande do Sul. O estudo de natureza aplicada tem abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos, caracteriza-se como um estudo de caso do município de Linha Nova. Foram entrevistados seis organizadores de caminhadas e disponibilizado um questionário online para pessoas que praticam caminhadas de lazer, totalizando 40 participantes. As respostas indicaram dois temas: a) A natureza como principal atrativo; b) Desenvolvimento econômico e turístico através das caminhadas. Os resultados demonstraram que existe uma relação positiva entre eventos de caminhada e o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo, além de uma percepção de “paisagem” associada à natureza, espaços naturais e cenários panorâmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagens. Turismo. Abordagem sistêmica.

LADSCAPES, WALKING AND LEISURE: A SYSTEMIC APPROACH OF TOURISM DEVELOPMENT IN LINHA NOVA/RS

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UNISINOS.

² Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Graduada em Design pela Universidade FEEVALE.

³ Mestre em Engenharia de Produção e Sistemas pela UNISINOS.

ABSTRACT: The objective of this study is to understand the correlations and interactions between the landscape, leisure walks and the systemic context of tourist development in the city of Linha Nova, Rio Grande do Sul. The study of an applied nature has a qualitative approach. As for the procedures, it is characterized as a case study of the municipality of Linha Nova. Six walk organizers were interviewed, and an online questionnaire was made available to people who take leisure walks, totaling 40 participants. The responses indicated two themes: a) Nature as the main attraction; b) Economic and tourist development through hiking. The results demonstrated that there is a positive relationship between walking events and the development of the tourism production chain, in addition to a perception of “landscape” associated with nature, natural spaces and panoramic scenarios.

KEYWORDS: Landscapes. Tourism. Systemic approach.

Introdução

O lazer em meio à natureza e áreas rurais tornou-se uma experiência amplamente procurada por pessoas preocupadas com a saúde ou com intuito de fugir do estresse das grandes cidades. As relações entre o lazer, a natureza, o turismo e suas implicações diretas ou indiretas na paisagem, seja esta “natural” ou criada pelo homem, vão muito além da simples contemplação do espaço. Besse (2014, p. 47) compreende a paisagem como “o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca”. Nesse sentido, conforme Ingold (2000), a paisagem abarca os ambientes sociais e naturais em que todas as vidas estão contidas e tanto seres humanos como animais e plantas são considerados participantes do mesmo mundo, o qual pode ser social e natural ao mesmo tempo, com envolvimento mútuo e contínuo de relações. Desta forma, a paisagem não é um cenário à parte que pode ser contemplado, mas sim uma rede que permeia e é permeada simultaneamente pelas relações entre seus habitantes, sejam eles humanos, animais ou plantas.

A paisagem contempla possibilidades infinitas de relações subjetivas e objetivas. Conforme Maderuelo (2005, p. 38), “a paisagem não é [...] o que está aí,

diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor, uma construção cultural”. Ainda segundo o autor, “a paisagem não é um mero lugar físico, e sim o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes”, ou seja, há uma construção subjetiva e individual do que é a paisagem e seus atributos. Nessa linha, Mendes (2016) comenta que a paisagem é a percepção e a forma de ver a natureza ou a realidade e, dar significados aos espaços, lugares ou ambientes como sendo paisagens, diz coisas profundas sobre a cultura.

Schama (1996), por sua vez, relaciona fortemente a paisagem com a natureza, propondo a ideia de que desde a infância a criança tem uma visão da natureza que pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, sendo ainda mais elaborada a moldura pela qual os adultos contemplam a paisagem. Desta forma, a paisagem passa por uma construção individual baseada em elementos culturais, que eventualmente dicotomizam a relação da natureza com a percepção humana. O autor ainda comenta que por mais habituado que o homem esteja em separar a Natureza e a percepção em campos distintos, elas são inseparáveis, já que a paisagem é uma construção da mente antes de um repouso para os sentidos.

Uma das possibilidades de lazer e convívio em diferentes “paisagens” que tem recebido destaque é a caminhada, principalmente aquela realizada em meio rural ou em áreas de parques naturais ou trilhas em matas. Segundo estudo de Leão, Dallgalo e Kanashiro (2022), houve um aumento nas caminhadas relacionadas a atividades físicas, lazer, trabalho e visitas após a pandemia de COVID-19, além de que indivíduos que já realizavam caminhadas recreativas antes da pandemia tiveram menos impacto na sua rotina de atividades. Caminhar é da natureza humana e desde os primórdios a necessidade de deslocamento e sobrevivência fez os humanos caminharem. Na

atualidade, a caminhada de lazer tem sido uma forma de escape da vida atribulada e das ocupações diárias, principalmente nas grandes cidades, sendo que, conforme Augusti (2021, p. 628), ela “promove sentimentos de serenidade e satisfação e proporciona o reencontro do ser humano com algo que se perdeu em um passado longínquo”.

Os eventos de caminhada de lazer, conforme Carvalho e Alves (2021), em geral são atividades que coincidem com os finais de semana, são contínuas e imersivas nos territórios, principalmente rurais, e uma forma de valorização do “pedestrianismo” e dos percursos de caminhada. Nesse sentido, a cidade de Linha Nova, Rio Grande do Sul, distante cerca de 80km da capital Porto Alegre, recentemente vem recebendo diversos eventos organizados de caminhadas e desde 2020 também disponibiliza caminhos autoguiados e sinalizados para quem quiser caminhar na cidade por conta própria (LINHA NOVA, 2024a). Com esta proposta de lazer, contato com a natureza e promoção da saúde, a cidade tem tido crescente afluxo de pessoas. Neste município, os eventos de caminhada iniciaram timidamente em 2010, com a organização por parte de uma associação local, porém, a partir de 2017, houve um crescimento significativo no número de eventos e participantes, com uma média de 7 a 8 eventos anuais, com mais de 300 participantes por edição.

O turismo, segundo Knupp (2015, p. 48), é “um dos setores mais dinâmicos da atualidade, pois envolve uma multiplicidade de atividades, que exercem impacto sobre os ambientes urbano e rural, além de influenciar questões sociais e econômicas em muitos países do mundo”. Nesse sentido, o turismo pode ser considerado um “sistema”, como abordam diversos autores⁴, entre eles Beni (2003) que, utilizando algumas bases

⁴ Além de Beni (2003), Cuervo (1967), Leiper (1979), Jafari (1981), Sessa (1985), Boullón (1985) e Molina (1991) também utilizaram a análise sistêmica para a criação de relações diretas e indiretas com a atividade turística, através de teorias e conceitos (MEIRA; CONCEIÇÃO; ANJOS, 2015).

da teoria geral de sistemas⁵ de Ludwig von Bertalanffy, considera vários elementos interagindo no tempo e espaço de forma determinada. Pode-se considerar o turismo como um sistema aberto, já que sofre influência e interferência de fatos externos diversos, como políticos, econômicos e sociais (KNUPP, 2015).

O turismo assume feições de sistema complexo em virtude de suas interações multidisciplinares e fenômenos organizados, melhor avaliados quando analisados como um todo. Segundo Kasper (2000, p. 268), o pensamento sistêmico surge do “questionamento da aplicabilidade universal das doutrinas analíticas”, as quais explicam os fenômenos desmembrando-os em partes. Segundo o autor, para o pensamento sistêmico, os fenômenos e situações complexas devem ser examinados como um todo, supondo-se “a existência de uma dinâmica própria, geradora de causalidade local, que determina e preserva as características sistêmicas e sua evolução, diante das múltiplas determinações externas”. Nesse sentido, Besse (2014) levanta relações complexas entre a paisagem, o poder, a política e a economia, por exemplo. Relações como estas são passíveis de análise através do pensamento sistêmico.

Partindo-se deste panorama, a pesquisa está centrada na compreensão das correlações entre as paisagens vivenciadas, as caminhadas de lazer e o turismo como sistema dinâmico indutor do desenvolvimento econômico e social. O objetivo do estudo é compreender as correlações e interações entre a paisagem, caminhadas de lazer e o contexto sistêmico de desenvolvimento turístico na cidade de Linha Nova, RS.

⁵ Essa teoria foi a primeira tentativa de desenvolver as ideias sistêmicas como uma nova perspectiva do conhecimento científico, já que o modelo analítico e mecanicista se mostrava limitado e incapaz de responder a questões complexas cada vez mais comuns em virtude da dinamização das sociedades e dos avanços tecnológicos e industriais (KASPER, 2000).

Procedimentos Metodológicos

O presente estudo é de natureza aplicada e busca, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), gerar conhecimentos novos e que contribuam para o avanço da ciência. A abordagem do problema foi realizada sob o paradigma qualitativo. O método qualitativo procura entender o contexto em que algum fenômeno ocorre, permitindo a observação de vários elementos em um pequeno grupo (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000). Quanto aos objetivos, tem caráter descritivo. A pesquisa descritiva busca conhecer e interpretar, classificar, explicar, registrar e descrever os fatos que acontecem (MORAES; MONT'ALVÃO, 2010; PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto aos procedimentos, caracteriza-se como um estudo de caso do município de Linha Nova, Rio Grande do Sul. Segundo Minayo *et al.* (2005, p. 93), o estudo de caso é “uma estratégia de investigação qualitativa para aprofundar o como e o porquê de alguma situação ou episódio, frente à qual o avaliador tem pouco controle”. White (2005, p. 359) afirma que o estudo de caso “pode levar a *insights* que produzam avanços teóricos, sejam eles realizados pelo autor, sejam por outros”. Corroborando, Zanini, Moraes e Mariotto (2011) salientam que existem diversas situações em que justamente o estudo de uma visão particular permite os *insights* mais valiosos sobre uma determinada situação.

A cidade de Linha Nova está localizada na encosta da Serra Gaúcha, entre Feliz, Nova Petrópolis, Picada Café e São José do Hortêncio. Conforme o Censo Demográfico de 2022, possui 1.683 habitantes e um IDH de 0,749⁶ (IBGE, 2022). A economia é baseada na produção primária, com cerca de 80% do PIB advindo deste setor, especialmente da produção de aves que representa 92% do retorno de ICMS

⁶ Ano base 2010 (IBGE, 2022).

(LINHA NOVA, 2024b). Desde 2012 o município tem investido no setor de turismo, com o ingresso em rotas e roteiros regionais e, a partir de 2017, com o reconhecimento de cidade “Berço das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul”, a cidade passou a ter mais afluxo de visitantes, eventos e atividades turísticas.

Os participantes foram divididos em dois grupos: a) organizadores de eventos de caminhadas; b) participantes de eventos de caminhadas. Para o grupo dos organizadores de caminhadas foi aplicada uma entrevista semiestruturada, com questões de perfil e outras específicas sobre a organização dos eventos, formas de escolha dos roteiros, precificação e relação das caminhadas com o turismo. Essa ferramenta de pesquisa contém perguntas fechadas e outras abertas, permitindo certa liberdade de desenvolver a entrevista em algumas direções e explorar mais algumas questões específicas (Prodanov; Freitas, 2013). Como critério de inclusão, foram entrevistados os organizadores que promoveram caminhadas no município de Linha Nova nos últimos cinco anos, ocorrendo a seleção por conveniência. Thiry-Cherques (2009, p. 22) explica que, nas técnicas não probabilísticas, a seleção por conveniência ou acidental ocorre quando “os sujeitos são os que se podem acessar e os dados são os possíveis de se obterem”. No entanto, segundo o autor, o número de participantes de estudos qualitativos não poderá ser inferior a seis e poderá ter até 15 participantes, que é o limite mínimo e máximo para se atingir a saturação teórica das informações. As entrevistas ocorreram de forma online via aplicativo de mensagens, após autorização de uso das informações pelo entrevistado, sendo as respostas transcritas em seguida.

Para o grupo dos participantes de eventos de caminhadas, foi elaborado um questionário do tipo *Survey* com perguntas relativas aos hábitos e preferências na participação em eventos de caminhada, aspectos da paisagem consideradas importantes,

além de perguntas gerais para estabelecer o perfil dos respondentes. Este modelo de questionário é estruturado com perguntas padronizadas e preestabelecidas visando obter dados que possam ser comparados e agrupados (PRODANOV; FREITAS, 2013). O questionário foi disponibilizado via plataforma Google Formulários de 18 de dezembro de 2023 até 29 de janeiro de 2024, na rede mundial de computadores, para acesso voluntário de qualquer pessoa praticante de caminhadas e com interesse em responder à pesquisa. O questionário foi divulgado nas redes sociais de grupos de caminhada da região onde se localiza o município de Linha Nova. Ao acessar a pesquisa, o respondente concordava e autorizava o uso das informações neste estudo.

Partindo-se das respostas dos dois grupos de participantes, foi desenvolvida uma estrutura sistêmica com vistas a organizar as diversas partes e correlacioná-las entre si, formando a rede com os “múltiplos laços de realimentação positivos e negativos interligados” (KASPER, 2000, p. 200). Ainda segundo o autor, no pensamento sistêmico as estruturas sistêmicas são concebidas como um padrão de relações entre variáveis chave num contexto ou fenômeno, sendo que este padrão é elaborado com redes formadas por laços, com realimentação negativa e positiva.

A análise e discussão dos dados coletados ocorreu pelo método de triangulação. Marcondes e Brisola (2014) explicam que no método de triangulação de dados é realizado um *modus operandi* pautado na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder a análise: os dados empíricos levantados na pesquisa; o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e a análise de conjuntura. Segundo Minayo *et al.* (2005, p. 29), a triangulação significa a “combinação e o cruzamento de múltiplos pontos de vista; a tarefa conjunta de pesquisadores com formação diferenciada; a visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de

técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação”. Os autores avaliam que esta abordagem teórica é a escolha mais interessante, quando se quer “contribuir para aumentar o conhecimento do assunto e atender aos objetivos que se deseja alcançar” (MINAYO *et al.*, 2005, p. 71).

Análise e Discussão dos Resultados

O estudo teve a participação de 40 pessoas, divididas em dois grupos. No grupo dos organizadores de caminhadas foram entrevistadas seis pessoas que promovem eventos de caminhada em Linha Nova e cujos perfis estão elencados no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil dos organizadores de eventos entrevistados

	Gênero	Idade	Profissão	Cidade	Condição como organizador	Tempo que organiza eventos
Organizador 1	Masc.	61 anos	Corretor de Imóveis	Ivoti	Outros*	12 anos
Organizador 2	Masc.	33 anos	Empresário	Linha Nova	Empresa	2 anos
Organizador 3	Masc.	37 anos	Jornalista	Nova Petrópolis	Freelancer	6 anos
Organizador 4	Masc.	67 anos	Aposentado	Linha Nova	Empresa	2 anos
Organizador 5	Masc.	33 anos	Professor	Linha Nova	Associação	7 anos
Organizador 6	Masc.	45 anos	Coord. de Eventos Esportivos	Presidente Lucena	Empresa	10 anos

*Organiza eventos gratuitos ou à preço de custo por gostar de caminhar.

Fonte: Os autores.

Três organizadores de eventos são moradores da cidade de Linha Nova e três são de cidades vizinhas e todos organizam regularmente caminhadas no referido município. As idades dos organizadores variam entre 33 e 67 anos, sendo que realizam seus eventos há 6,5 anos, em média (entre 2 e 12 anos). As profissões dos organizadores são diversificadas, porém, apenas o Organizador 6 declarou trabalhar especificamente

na área de eventos esportivos, tendo constituído uma empresa com este interesse específico.

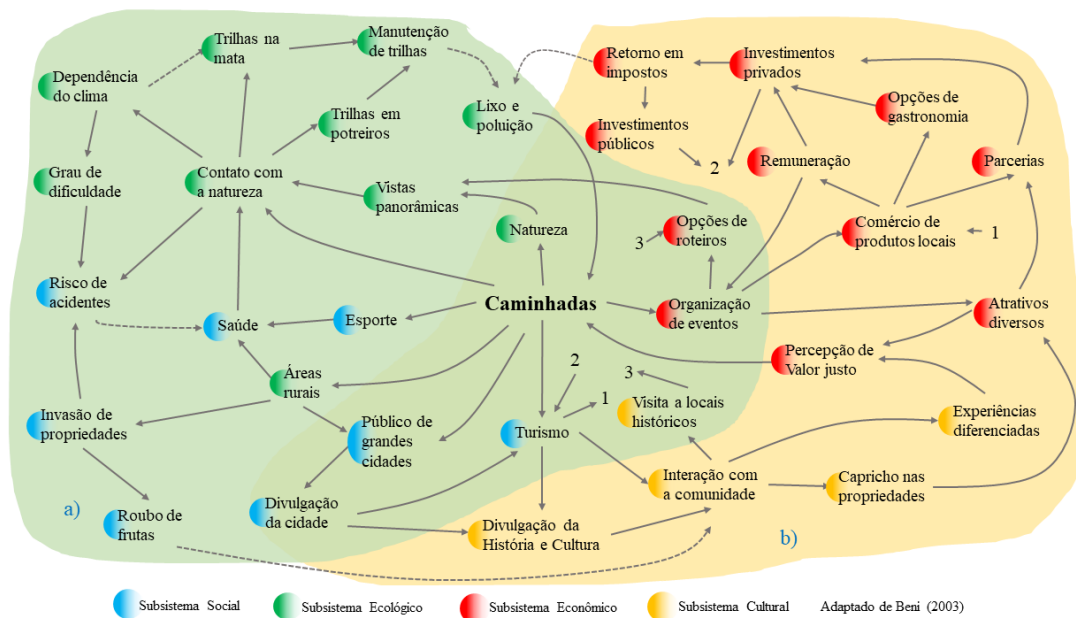
No grupo dos participantes de caminhadas, trinta e quatro pessoas responderam ao questionário *online*, perfazendo 19 participantes do gênero feminino (55,9%) e 15 do gênero masculino (44,1%). A média de idade dos participantes foi de 46,67 anos (entre 20 e 72 anos). Em relação ao tempo que participa de eventos de caminhada, 35,4% (12) dos participantes respondeu que participa de 0 a 5 anos; 44,1% (15), entre 6 e 10 anos; 17,6% (6), de 11 a 15 anos; e somente 2,9% (1) participa há mais de 15 anos de eventos desse tipo. Em relação às caminhadas realizadas na cidade de Linha Nova, somente 2 (5,9%) respondentes disseram não ter participado de nenhum evento no município. Considerando a forma que ficou sabendo dos eventos, 55,9% (19) souberam por indicação de amigos e 61,8% (21) pelas redes sociais. Sobre a distância a ser caminhada, 73,3% (25) das pessoas preferem caminhar entre 8 e 15 quilômetros.

A partir das respostas e considerações feitas pelo grupo dos organizadores e do grupo dos participantes de caminhadas, elaborou-se um “mapa sistêmico” relacionando os eventos de caminhadas como indutores e causadores de impactos diretos e indiretos na cidade. Uma abordagem sistêmica, segundo Kasper (2000), pode assumir diferentes abordagens, levando-se em conta os distintos conteúdos complexos da realidade. Nesse sentido, uma das mais conhecidas teorias de sistema aplicadas ao turismo é o SISTUR – Sistema de Turismo – do autor Beni (2003, p. 44), que conceitua sistema como “o conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios logicamente ordenados e coesos, com a intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo”. O autor utilizou este conceito para situar o turismo em um modelo referencial que pudesse sintetizar a dinâmica e as combinações multifacetadas do mesmo. Assim,

divide os componentes do sistema em conjuntos e subsistemas, como o “ecológico, econômico, social e cultural da superestrutura, da infraestrutura, do mercado, da oferta, da demanda, de produção, de distribuição e de consumo” (BENI, 2003, p. 47).

Os resultados obtidos e agrupados no mapa sistêmico da Figura 1 fazem parte deste sistema de conjuntos, sendo que os temas foram identificados conforme a afinidade e sequência de encadeamento dos assuntos elencados nas entrevistas e respostas. Assim, foram encontradas duas áreas temáticas: a) A natureza como principal atrativo; e, b) Desenvolvimento econômico e turístico através das caminhadas.

Figura 1: “Mapa Sistêmico” relacionando as áreas temáticas



Legenda:

Setas contínuas: o elemento na ponta da flecha muda na mesma direção da variável da origem da flecha;
Setas tracejadas: o elemento na ponta da flecha muda de forma inversa à variável da origem da flecha;
Números: elementos de ligação, evitando-se o uso de flechas adicionais;
Letras *a* e *b*: áreas temáticas para análise e discussão, delimitadas por cores.

Fonte: Os autores (2024).

É evidente que uma estrutura sistêmica, por mais completa que seja, não abarca a totalidade das interações e correlações possíveis, sendo uma aproximação da realidade, organizada com base nas opiniões e informações trazidas pelos sujeitos inseridos no processo. Para Kasper (2000), o pensamento sistêmico serve para construir

conhecimentos e os modelos sistêmicos descrevem a lógica das conexões, de processos físicos e atividades humanas inter-relacionadas, distintos pontos de vista ou interpretações de indivíduos ou grupos, além das interações entre conceitos humanos abstratos em geral. O autor ainda complementa que as pessoas, sendo partes ativas no processo, poderão alterar as percepções e ações, caso haja alguma mudança nas condições materiais, no acesso à novas informações ou nas relações sociais (KASPER, 2000). Corroborando, Senge (2018) enfatiza que empresas e os feitos humanos também são sistemas, conectados por ações inter-relacionadas, como fios invisíveis, que podem levar anos para que os efeitos de um sobre o outro se manifestem.

O mapa da Figura 01, partindo da ideia central “Caminhadas”, evidencia dois campos distintos, porém interconectados por laços realimentadores positivos e negativos. Os campos foram representados por diferentes cores e letras: a) A natureza como principal atrativo, onde verificam-se as conexões com as belezas naturais, espaços rurais e os riscos e benefícios decorrentes da atividade de caminhar e participar de eventos; b) Desenvolvimento econômico e turístico através das caminhadas, considerando a divulgação do município e de sua cultura e história, levando à experiências únicas e diferenciadas na cidade, além do impacto financeiro direto da atividade dos eventos na arrecadação e investimento dos recursos em infraestrutura, atrativos e embelezamento. Os termos trazidos pelos entrevistados também foram categorizados com base nos subsistemas ecológico, social, econômico e cultural, elencados por Beni (2003), conforme o SISTUR proposto pelo autor.

O termo central “caminhada”, da qual partem as flechas que ligam os elementos da rede sistêmica proposta, permeia toda a estrutura, se relacionando de forma direta e indireta em toda a análise dos dois temas, como visto a seguir. As áreas

temáticas apresentados não são estáticas e excludentes, e sim, interconectadas e mutuamente influentes, ou seja, caso seja feita uma ação em algum elemento, visando o reforço ou balanço de algum efeito, toda estrutura precisa ser reavaliada considerando as possíveis influências, já que, conforme Bellinger (2004), vários arquétipos podem existir e serem reforçados ou balanceados pela mútua interação entre as partes que o compõe o sistema.

a) A Natureza como Principal Atrativo

A paisagem tem sido relacionada cada vez mais com a natureza, sendo eventualmente confundida com esta. Como verifica-se neste estudo, os respondentes relacionam a paisagem diretamente com a natureza ou locais com vista panorâmicas. Para Cauquelin (2007), a natureza não é paisagem, porém passou a ser vista dessa forma, como símbolo de contato entre sujeito e natureza. O senso comum eventualmente atribui à natureza e aos espaços naturais uma idealização como sendo a paisagem em si, porém, a autora considera a paisagem como uma noção, um conjunto estruturado, com regras próprias e um esquema simbólico do contato humano com a natureza. Cauquelin também compreende a paisagem como uma peculiar forma simbólica, resultado de um constante processo de aprendizagem (SEBASTIÃO, 2021).

Como símbolo, a paisagem é uma construção cultural, com múltiplos significados subjetivos que vão estruturar as experiências pessoais, porém, influenciadas por construtos sociais. Conforme Toniol (2011), a paisagem está em constante formação, enquanto incorpora histórias e as tece juntamente com o ciclo de vida de plantas, animais e quem mais a habita. Nessa linha, a construção social e cultural tem levado à uma conotação simplória de que a paisagem é natureza, deixando aspectos

mais complexos de lado, como a simbologia, a história e as interpretações subjetivas acerca da paisagem.

Para o autor Ingold (2000), a paisagem é o pano de fundo onde as atividades não são apenas realizadas, mas sim onde há uma interação que é incorporada como elemento fundamental do tecido histórico do mundo e dos sujeitos que o habitam. Como ele próprio propõe, o mundo

assume o caráter de um organismo, e os movimentos de animais - incluindo os dos seres humanos são partes ou aspectos do seu processo de vida. Isso significa que ao habitar o mundo, nós não agimos sobre ele, ou fazer coisas para ele, mas sim nos movemos junto com ele. Nossas ações não transformam o mundo, mas são partes e parcelas da própria transformação do mundo [...] (INGOLD, 2000, p. 199).

Nesse sentido, os eventos de caminhada se movem junto com a paisagem e são parte inerente desta. Sendo realizadas preferencialmente em ambientes naturais e áreas rurais, estes eventos buscam um distanciamento da agitação comum às cidades e zonas urbanas. Além de aliarem a contemplação da natureza e atividades ao ar livre, buscam experiências variadas, sejam elas culturais, religiosas ou de outro interesse (CARVALHO; ALVES, 2021). Besse (2014) entende a experiência como uma “saída” do real ou então, uma “exposição” ao real, um acontecimento, onde o corpo está presente, afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao redor e suas texturas, estruturas e especialidades. Segundo este autor, as caminhadas são exemplos fundamentais desse tipo de experiência da paisagem, sendo o “momento particular que é o cansaço na caminhada, que não é esgotamento, nem lassidão, mas que restitui disponibilidade ao corpo e [...] que restitui a capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p. 48), um importante motivo de se caminhar.

Como expressa o mapa da Figura 1, dentro do subsistema ecológico de Beni (2003), natureza, áreas rurais, vistas panorâmicas e trilhas são amplamente citadas, logo,

verifica-se uma convergência de opiniões entre o grupo de organizadores de eventos de caminhada e o grupo de participantes, no que tange à busca pela natureza e áreas rurais como “paisagens” preferidas para a prática de caminhadas. Nesse sentido, conforme o Organizador 5, “para a organização do roteiro são pensados caminhos inéditos, onde tenha belas paisagens, locais históricos e maior contato com a natureza”. Corroborando, Augusti (2021) comenta que a caminhada, realizada como uma atividade de lazer, expressa o desejo de retornar à natureza, porém, não em estado selvagem e bárbaro, mas amparado no uso de tecnologias, possibilitando certo controle e domínio sobre o mundo natural.

Nota-se que a busca pelo contato com a natureza em ambientes rurais ou de trilhas nas florestas indica conceitos relacionados à melhora na qualidade da saúde, através da prática de esportes e momentos de relaxamento ou contemplação, principalmente em mirantes com visão ampla, relacionados ao subsistema social de Beni (2003). A participação em eventos deste tipo, conforme Carvalho e Alves (2021), traz importantes contribuições à promoção de bem-estar e hábitos saudáveis de vida, especialmente ligados às atividades ao ar livre e ao convívio social. Os autores, ao analisarem eventos de caminhada na região de Pampilhosa da Serra, Portugal, também apontam a diversidade paisagística proporcionada pela diversidade geográfica local, associada às heranças culturais, como contribuindo decisivamente na oferta de valor e na geração de fluxos turísticos. Mais atrações nos eventos se refletem em maior percepção de valor justo, como verificado na Figura 1, configurando uma relação positiva.

A “paisagem” rural ou de matas foi avaliada como importante ou extremamente importante respectivamente por 97,1% (33) e 88,2% (30) dos

participantes de eventos de caminhada. Aparentemente, a rotina estressante das cidades grandes⁷ e as pressões contemporâneas de sucesso financeiro e competição são atenuadas pelo contato com o campo e com a natureza. Corroborando, o Organizador 6 expressa que “muito de nosso público é de cidade grande, então ele quer sair desse estresse do dia a dia [...] e quer vir participar de caminhadas em meio à natureza, no meio do mato”. Nessa linha, o “campo oferece tudo o que a cidade subtrai - a calma, a abundância, o frescor e, bem supremo, o ócio para meditar, longe dos falsos valores. Como um duplo invertido, o campo oferece o negativo da cidade” (CAUQUELIN, 2007, p. 62). Para Augusti (2021), a paisagem natural oferece um diferencial, tornando possível um reencontro simbólico com o tempo/espço em que o modo de vida do ser humano era mais simples e onde o saber que detinha era suficiente para compreender o mundo. Como demonstra a Figura 1, as caminhadas atraem pessoas de cidades grandes em busca de lazer e diversão, realimentando positivamente a divulgação local e o turismo.

Quando indagados sobre o que os participantes de eventos de caminhada levam em conta para decidir pela sua participação, dois organizadores expressaram que buscam “experiências diferenciadas” (Organizador 3) e “principalmente a experiência que ele vai ter, desde a recepção até a chegada dele na volta” (Organizador 2). Uma caminhada de lazer pode proporcionar experiências, aventuras e diversidade de sensações, sendo que,

como forma de lazer, a caminhada pelo campo oferece a oportunidade de um retorno ao mundo natural, uma aventura pela Natureza, onde os sentidos transitam pelos diversos cenários rurais, das extensas plantações e tantas espécies de árvores e variada vegetação, aos riachos, pontes, o gado solto a pastar, bezerros nos currais, galinhas soltas pelos terreiros, a cantoria das

⁷ 61,8% dos respondentes da pesquisa online residem em cidades com mais de 50 mil habitantes, como por exemplo, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Canoas, São Leopoldo, Guaíba e outras. 20,6% residem em cidades de 5 a 50 mil habitantes e 17,6% em cidades com menos de 5 mil habitantes (IBGE, 2024).

aves, o perfume das flores, a visão extasiante de planícies e montanhas. Enfim, uma possibilidade do indivíduo “sentir-se vivo” e de promover experiências de vida que tenham sentido e significado transcendentais. (AUGUSTI, 2021, p. 629).

Dentre as experiências mais importantes, segundo os participantes de eventos de caminhada, estão: a contemplação em mirantes naturais (85,3%); a presença de prédios históricos que podem ser visitados (73,6%); contato com pessoas moradoras locais e suas histórias de vida (66,6%); e a presença de animais e aves para contemplação (64,7%). Na Figura 1, estes temas se relacionam diretamente com a percepção de valor, realimentando os eventos de caminhadas como experiências diferenciadas e de alto valor subjetivo. Percebe-se que os organizadores de eventos buscam proporcionar estas experiências, indo de encontro aos desejos dos participantes, como destaca o organizador 5: “Sempre que possível são incluídos nos roteiros locais com mirantes, áreas com campos, poteiros, casas históricas, jardins, bem como trilhas em meio à mata para intensificar o contato com a natureza”. Nesse sentido, Augusti (2021) propõe que a caminhada pelo campo se transforma num ensinamento, numa experiência divertida em busca de sensações agradáveis. Segundo o autor, a natureza e o contato com árvores, pássaros, o sol, flores e todo o colorido do mundo natural, surge como uma porta que leva ao lugar ideal para o indivíduo encontrar significado e sentido nas experiências com a própria vida.

Em contrapartida, o aumento da atividade de caminhada nesses locais também estressa a fauna e a flora, expõe uma relação muitas vezes não amistosa entre proprietários de áreas rurais e visitantes que invadem as propriedades, além da deposição de lixo, poluição sonora e riscos de acidentes, como quedas e picadas de animais peçonhentos. No mapa da Figura 1, fica evidente a relação entre o aumento dos riscos à saúde em virtude do clima e do grau de dificuldade das caminhadas, além do

aumento de invasões de propriedades com o aumento de fluxo de visitantes, refletindo nos subsistemas social e ecológico (BENI, 2003). Na opinião do Organizador 5, há impactos positivos como “quando os proprietários das terras arrumam e limpam seus pátios e quando são limpos caminhos de trilhas antes tomados pela vegetação” e negativos, associados a deixar lixo, roubar frutas e não recolher a demarcação usada nos roteiros. Já o Organizador 3 considera que os impactos ao meio ambiente são “poucos, pois em geral o público das caminhadas apresenta consciência ambiental”. Diversas pesquisas sugerem que a atividade de caminhada, principalmente em trilhas, pode alterar significativamente a estrutura vegetal (MACIEL; SILES; BITENCOURT, 2011), trazer impactos na vida animal (SOULARD, 2017) e produzir a “degradação, deterioração, impacto ou contaminação ambiental [...] em muitos casos, irreversíveis (BENI, 2003, p. 59).

Caminhar é um ato subjetivo e ao mesmo tempo sensorial, realizado na paisagem e com a paisagem, de modo que a experiência é individual e compõe-se de diversos elementos, como explicita Bruhns (2009):

A experiência do caminhar perdura além do efêmero e possibilita uma combinação entre o prazer estético (admiração) e o desejo de conhecer. Uma série de sensações físicas se faz presente – olfativas (odores de plantas, flores, detritos e outros), táteis (calor temperado pela brisa, temperatura da água, por exemplo), visuais, auditivas -, em um meio ambiente a ser descoberto, percebido e conhecido pelo aguçamento dos sentidos. Uma experiência de contemplação filtrada por valores e concepções de vida. (BRUHNS, 2009, p.164).

Percebe-se uma espécie de “negociação” entre expectativas de participantes dos eventos, organizadores e comunidade local por onde passam os roteiros de caminhada. Como respondeu uma participante da pesquisa *online*, “a mesma paisagem que é apreciável para mim pode não ser para outra pessoa”. Nessa linha, o Organizador 5 acredita que a “paisagem” é importante, mas não primordial ao caminhante, pois a maioria dos “participantes considera inicialmente a sua vontade em realizar a atividade

física e de conhecer lugares novos, pois geralmente [...] não sabem qual vai ser o roteiro e que tipo de paisagens irão encontrar”. De forma contrária, o Organizador 1 relata que “a influência da paisagem é primordial. Talvez, o item mais importante na escolha”. Toniol (2011), em conversas com participantes, organizadores e comunidade local durante um evento de caminhada na cidade de Ivaiporã/PR, encontrou narrativas de dificuldades na conciliação do roteiro escolhido para o evento. Diferentes perspectivas em relação ao que vão encontrar na caminhada precisam ser levadas em conta e eventualmente há contradições experimentadas pelos caminhantes, quando as expectativas não são totalmente correspondidas.

Em relação aos eventos realizados, na opinião do Organizador 3, apesar do crescimento das atividades de caminhadas de lazer, “ainda há um caminho a ser percorrido para que as caminhadas sejam bem exploradas enquanto negócio turístico” e complementa dizendo que “falta algum amadurecimento coletivo para que as caminhadas sejam melhor compreendidas como um negócio turístico”. Talvez essa opinião seja baseada em eventos organizados de forma ainda amadora, com problemas de organização e atendimento, como menciona uma das participantes de caminhadas que respondeu ao questionário: “as duas últimas [caminhadas] tiveram um trajeto muito ruim... prejudicou muitos idosos e pessoas não tão preparadas. No edital não especificava um nível de dificuldade tão grande”. Outra participante coloca que “é fundamental uma melhor organização. Num dos eventos o tempo estava muito ruim e para quem ficou [...] não havia nenhuma programação”. Conforme a Figura 1 e com base no subsistema econômico de Beni (2003), a organização de eventos aumenta a remuneração e a parceria com o comércio local e, conseqüentemente, os investimentos e a arrecadação de impostos. Nesse sentido, Maioli e Tomelin (2019) comentam que o

mercado de eventos fomenta a economia regional, porém os organizadores precisam qualificar os profissionais que atuam nos eventos e estarem sempre atento às inovações e tendências, buscando novos fornecedores e ofertando serviços diferenciados.

Percebe-se que os eventos de caminhada são um nicho de mercado e que múltiplas complexidades precisam ser consideradas para garantir a satisfação dos participantes. Embora sejam uma forma de conhecer e divulgar uma cidade, este tipo de atividade precisa ser considerado no planejamento turístico e econômico, já que impacta em diversos setores de uma comunidade.

b) Desenvolvimento Econômico e Turístico Através das Caminhadas

Segundo Fávero (2006), o turismo é um sistema aberto e não há como pensar o turismo como sendo uma atividade isolada, pois ele está impregnado pelo sistema estrutural da própria localidade onde se desenvolve, estando sujeito, por exemplo, às influências da globalização. A autora ainda complementa afirmando que não é possível direcionar todas as ações dos envolvidos na amplitude que o sistema turístico apresenta, caso não tenham claros os objetivos e o seu papel dentro do sistema.

Nesse sentido, a economia local acaba sendo um dos primeiros subsistemas a sentir os impactos. Normalmente estes efeitos podem ser considerados positivos e crescentes, desde que administrados de forma sustentável. Carvalho e Alves (2021) enfatizam que os eventos em Pampilhosa da Serra, Portugal, tem induzido efeitos positivos e repercussões diretas na economia local, especialmente com a diminuição da sazonalidade, aumento do número de operadores turísticos e sua renda, captação de eventos nacionais e internacionais e reforço na imagem positiva da região. Como sistema aberto, os efeitos podem se retroalimentar e mais investimentos em eventos e

atrativos podem canalizar o aumento do investimento público e privado em infraestrutura e divulgação, dinamizando ainda mais a economia local. Beni (2003) enfatiza que o turismo, enquanto atividade econômica, compreende uma série de serviços que são ofertados ao viajante que se desloca de sua cidade para outra e lá permanece, usufruindo da cadeia de produção, distribuição, consumo e valor, dentro do subsistema econômico proposto pelo autor.

Evidencia-se que a economia local é diretamente impactada pelos eventos de caminhada. Conforme menciona o Organizador 5, os visitantes “movimentam os empreendimentos, como [...] as cervejarias, tenda do agricultor, artesanato e comércio local de forma imediata e podem retornar para conhecer as opções de hospedagem das pousadas, sítios e parques em expansão”. Corroborando, Beni (2003, p. 65) comenta que as atividades turísticas provocam o “desenvolvimento intersetorial, em função do efeito multiplicador do investimento e dos fortes crescimentos da demanda interna e receptiva”. Consequentemente, como sugere Besse (2014), as caminhadas podem ajudar a qualificar os ambientes, proporcionar experimentação do mundo e dos valores vernaculares e trazer novas qualidades e intensidades aos espaços. O mapa da Figura 1 demonstra a realimentação positiva trazida pelos eventos para os atrativos, comércio local e poder público, com aumento de investimentos e qualificação na organização.

Questionou-se ao grupo dos organizadores de caminhadas sobre a forma de organização econômica dos eventos, como, por exemplo, a precificação e a busca de parceiros nos eventos. Todos os organizadores consideram a remuneração um fator importante, e como destaca o Organizador 3

A remuneração é importante, principalmente no que envolve um preço justo aos fornecedores e parceiros locais. Sempre existirá um público disposto a pagar por experiências qualificadas. Questão do preço, eu particularmente prefiro cobrar 100 reais, atender menos pessoas e oferecer uma experiência

qualificada, em vez de cobrar 20 reais, atender muitas pessoas e dar um pastel para cada um (Organizador 3).

Embora a remuneração seja importante, o Organizador 1 destaca que seus eventos são normalmente gratuitos, exceto em momentos em que as caminhadas duram mais de um dia e envolvem estadia e alimentação, onde são cobrados estes custos. Na opinião deste organizador, as caminhadas são “um mercado que começou a ser explorado comercialmente. Não sou contra, mas é preciso cuidados. Deve haver limites” (Organizador 1). Como comenta Beni (2003) o turismo é atividade produtora contínua e provoca efeitos indiretos em outras atividades produtivas com seu efeito multiplicador. Desta forma, há a necessidade de os eventos terem retorno financeiro aos organizadores, porém, e essa parece ser a reflexão do organizador, devem ser evitados os excessos.

De outro lado, os participantes de caminhadas destacaram que o valor da inscrição não é um fator preponderante na escolha da participação em um evento, sendo que 55,8% (19) avaliaram como nada importante, pouco importante e indiferente. Somente 20,6% (7) consideraram como extremamente importante o valor cobrado na inscrição. Quanto aos valores que os participantes costumam pagar na inscrição dos eventos, 76,4% (26) disseram pagar entre R\$ 40,00 e R\$ 80,00. Estes valores, aparentemente, são os mais cobrados nos eventos organizados na região e incluem diferentes produtos e experiências, como cerveja (chope), produtos coloniais, visitas em cachaçarias, fábricas de produtos diversos e outros. Por exemplo, o Organizador 6 menciona que “a gente quer que quando o pessoal se inscreve nas nossas caminhadas, que também conheça nossa gastronomia e o que as cidades oferecem de bom. [...] citando como exemplo o chope. [...] porque temos muitas cervejarias que abriram na região”.

Os eventos de caminhadas, comercializados como “experiências” e “vivências”, estão inseridas no conceito de hiperconsumo de Lipovetsky (2007), no qual o consumidor quer mais objetos “para viver” do que para alardear uma posição social. O autor complementa, explicando que “das coisas, esperamos menos que nos classifiquem em relação aos outros e mais que nos permitam ser mais independentes e mais móveis, sentir emoções, viver experiências, melhorar nossa qualidade de vida, conservar juventude e saúde” (LIPOVETSKY, 2007, p. 42). De certa forma, esta mercantilização da caminhada antagoniza com a visão da caminhada como um estilo de vida que se opõe ao luxo e ao consumo e a um mundo contemporâneo acelerado. Gros (2010) comenta que um mercado inteiro de acessórios acabou sendo criado para quem pratica caminhadas, porém, defende que ainda não se descobriu nada melhor que a caminhada para ir devagar. Segundo o autor, “Para caminhar, são necessárias antes de tudo duas pernas. O resto é supérfluo” (GROS, 2010, p. 10).

Os organizadores foram questionados sobre a relação entre turismo e caminhada e alguns dos aspectos elencados foram: a maior divulgação da cidade e dos atrativos; a divulgação da cultura e da história locais; a possibilidade do retorno do visitante à cidade em algum momento após a caminhada e assim aumentar as experiências na cidade; a atração de visitantes por hospedagem e empreendimentos locais e conhecerem processos fabris, entre outros. Verifica-se que através dos eventos de caminhada, há a possibilidade de conhecer lugares e empreendimentos. Estes temas estão evidentes no mapa da Figura 1, dentro dos subsistemas social e cultural de Beni (2003). O Organizador 5 comenta que as caminhadas “são oportunidades de divulgação do município, do potencial turístico, econômico, histórico e cultural e podem ser uma boa fonte de renda para entidades ou empresas”. Beni (2003) explica que estes são

alguns dos recursos turísticos que constituem o patrimônio turístico e o marco geográfico-ecológico-cultural de um local e são passíveis de provocar descolamentos de pessoas, que saem de seus domicílios e permanecem fora deles por um determinado tempo.

O Organizador 1 traz o exemplo do Caminho de Santiago de Compostela⁸ e dos Caminhos de Caravaggio⁹, como roteiros de caminhada indutores de turismo: “Tem toda relação. Basta ver o exemplo da Europa. Especificamente o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Pessoas de todo mundo vão para lá” e “aqui percebemos um crescimento dos Caminhos de Caravaggio. Houve um incremento na rede de hospedagens ao longo do trajeto”. Nota-se que a criação de rotas e roteiros de caminhada que percorrem as cidades e que permite o contato com a cultura e a história locais alavanca o turismo e a visitação, mesmo em pequenas comunidades, que podem se beneficiar do ir e vir de turistas e peregrinos. Beni (2003) observa que o patrimônio natural e cultural deve ser interpretado de forma integrada à biodiversidade, à cultura e à história com base na visão da comunidade local e, buscando com base nisso, criar atrativos para compor a cadeia do turismo.

Nesse sentido, o planejamento do turismo, enquanto sistema aberto e complexo, pressupõe a participação e reconhecimento dos diversos atores envolvidos, porém, como salienta Fávero (2006), o envolvimento do poder público no planejamento é fundamental, pois ele deve ter a visão global, pensando na comunidade com um todo para benefício geral. Nesse contexto, verifica-se que a cidade de Linha Nova tem no

⁸ O caminho de Santiago de Compostela é um dos roteiros para caminhadas de longa distância mais antigos e famosos do mundo. A peregrinação iniciou-se em 820, com a descoberta do túmulo de Santiago Maior. São dezenas de caminhos na atualidade que levam à cidade partindo de diversos países da Europa (XUNTA DE GALÍCIA, 2024).

⁹ Os Caminhos de Caravaggio percorrem 200 km por vias de terra e estradas da serra gaúcha, saindo de Canela até Farroupilha ou de Farroupilha até Canela. Leva vários dias para ser concluído (AVACC, 2024).

turismo uma das diretrizes de desenvolvimento, inclusive com a oficialização do Plano Municipal de Cultura e Turismo (LINHA NOVA, 2022), instituído em fevereiro de 2022. O Plano traz as caminhadas e outros esportes na natureza, como o ciclismo, como prioridades. Com esta linha de pensamento, o município instituiu caminhos autoguiados e diversas empresas, associações, *freelancers* e entusiastas organizam diversos eventos de caminhadas anualmente, impactando no sistema de turismo local. Aparentemente, a cidade vem atingindo os resultados programados, pois, conforme os participantes de caminhadas na cidade, eles escolheram participar dos eventos pois existem “trajetos com vistas bonitas e prédios históricos da cultura germânica”; a cidade é “extremamente acolhedora e com paisagens que nos conectam com a natureza”; ou ainda pelas “belas paisagens, a atividade física, a paz do interior, o ar puro”.

A análise da “paisagem” e suas relações com o turismo e lazer, apesar de majoritariamente associadas à natureza, evidencia um sistema complexo, que abarca uma diversidade de fatores a serem considerados. Os eventos de caminhada utilizam-se desta relação ambígua “paisagem-natureza”, oferecendo experiências diferenciadas, sejam de caráter consumista e de satisfação pessoal, ou sejam de caráter contemplativo e introspectivo. Porém, cabe destacar que, independentemente dos motivos que levam alguém a participar de eventos de caminhada, todos os subsistemas, tais como o econômico, o social e o cultural, são impactados. Logo, a paisagem, como dimensão macro do sistema, também é impactada, numa relação mútua de influências.

Considerações Finais

Este artigo buscou compreender as correlações e interações entre a paisagem, caminhadas de lazer e o contexto sistêmico de desenvolvimento turístico na cidade de

Linha Nova, RS. Estas relações complexas e multifacetadas ficaram evidentes no estudo, uma vez que mesmo um evento de caminhada, por mais simples que seja, reúne diversos aspectos a serem considerados, desde a sua organização, precificação e divulgação até os impactos sociais, ambientais e econômicos, sejam eles diretos ou indiretos.

Verifica-se uma confusão em relação à interpretação do termo “paisagem”, com uma clara conotação de “natureza”. Em vários momentos os entrevistados a percebem como sendo o espaço natural, sem considerar outros elementos, inclusive simbólicos e culturais. A paisagem não é somente natureza, não é apenas uma construção cultural e não é só um pano de fundo para a vida cotidiana. A paisagem atravessa o sujeito, através de uma construção subjetiva, baseada na história de vida, nas aptidões sociais, nas relações interpessoais e nas interpretações do que vê, ouve e sente.

Os resultados deste estudo demonstraram que existe uma relação positiva entre eventos de caminhada e o desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo. Os organizadores estão conscientes do impacto que a organização deste tipo de atividade pode entregar às comunidades locais e os participantes cada vez mais buscam conhecer outros lugares, ter novas experiências, socializar e manter hábitos saudáveis. Embora existam, os impactos negativos, principalmente no meio ambiente, foram considerados menores, se comparados aos efeitos positivos elencados pelos participantes. Desta forma, se bem administrados por organizadores e participantes conscientes, os efeitos negativos podem, inclusive, serem praticamente inexistentes e sustentáveis.

Evidencia-se que participantes e organizadores de eventos de caminhada buscam por cenários e experiências diferenciadas. Organizadores tendem a oferecer boa estrutura e personalizam seus eventos, enquanto os participantes procuram por

momentos de relaxamento e contato com a natureza e espaços rurais, na maioria das vezes inexistentes em suas cidades de origem.

A disponibilização de roteiros de caminhada pré-definidos ou a realização de eventos organizados podem ser indutores de visitação à cidade e impactar positivamente na economia local, já que tem potencial de movimentar a hospedagem, a gastronomia e a contratação de produtos e serviços locais. Esse incentivo econômico resulta em retorno em impostos à administração pública e em última análise, à população local, em melhores serviços ofertados pelo poder público. Por outro lado, impactos ambientais importantes não podem ser descartados e precisam ser minimizados e mitigados pelos organizadores e parceiros, com a fiscalização de instituições públicas, garantindo a sustentabilidade.

A abordagem sistêmica, neste contexto de planejamento e identificação de problemas e possibilidades de crescimento, é uma ferramenta consistente e que indica com clareza o caminho a ser seguido para otimizar as ações e seus resultados. Principalmente para o setor público, ter uma visão sistêmica pode ampliar o conhecimento das diversas cadeias que compõe os sistemas, como neste estudo, em que somente um recorte relacionado aos eventos de caminhadas trouxe ramificações e contribuições em diversas esferas do cotidiano.

Os eventos de caminhada estão em evolução e adaptam-se ao mercado crescente de experimentações e sensações individuais. Porém, sem planejamento adequado e limites para o “uso” da paisagem, os impactos podem comprometer a sustentabilidade econômica, ambiental e social, sendo parte de um sistema cada vez mais complexo que é o turismo. Nesse sentido, o planejamento é fundamental e deve ter a participação de todas as esferas representativas da cidade, sendo o pensamento

sistêmico uma ferramenta interessante para avaliar e interpretar as complexidades inerentes ao turismo. Ao elaborar um mapa sistêmico somente com os conceitos relativos enunciados pelos participantes e organizadores deste estudo, já foi possível ter uma ampla gama de temas e implicações relacionadas às caminhadas. Num exercício mais amplo, esta estrutura poderia ser ainda mais esmiuçada e especificada, porém, ainda assim não abarcaria toda a realidade e seus aspectos complexos.

Como limitação no estudo indica-se a impossibilidade de abarcar todos os conectores citados pelos entrevistados no mapa sistêmico, já que os sistemas são complexos em sua superfície e, ainda mais, à medida que se aprofunda as relações entre os termos. Para este estudo, foi considerada uma visão macrossistêmica em detrimento do aprofundamento das conexões entre os temas, porém, ainda assim, com ricas contribuições à discussão.

Seja em um evento como diversão ou numa experiência em meio à natureza, ou então como atividade física visando saúde e qualidade de vida, caminhar é inerente ao ser humano. Desta forma, o simples ato de caminhar pode influenciar diversos segmentos sociais a partir de atividades individuais ou de pequenos grupos e formatar diversas interpretações e manifestações da paisagem.

REFERÊNCIAS

AUGUSTI, M. Andar a Pé: Indícios das Origens Modernas do Gosto de se Caminhar pelo Campo. **Licere** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v.24, n.2, p.624–665, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.34950>. Acesso em: 12 jan 2024.

AVACC – Associação de Voluntários e Apoiadores dos Caminhos de Caravaggio. 2024. Disponível em: <https://caminhosdecaravaggio.org/>. Acesso em: 15 fev 2024.

BELLINGER, G. **Archetypes**: Interaction Structures of the Universe. 2004. Disponível em: <https://www.systems-thinking.org/arch/arch.htm>. Acesso em: 01 mar 2024.

- BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Ed. do SENAC, 2003.
- BESSE, J. **O Gosto do Mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234p.
- BOULLÓN, R. C. **Planificación del Espacio Turístico**. México: Trilhas, 1985.
- BRUHNS, H. **A busca pela Natureza**: turismo e aventura. Barueri: Manole, 2009.
- CARVALHO, P.; ALVES, L. Pedestrianismo, festivais de caminhadas e turismo de natureza. O exemplo do Pampilhosa da Serra Walking Weekend. **Cadernos de Geografia**, n. 43, p. 25-38, 2021. Coimbra, Portugal. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/0871-1623_43_2. Acesso em: 03 fev 2024.
- CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CUERVO, R. S. **El Turismo como Medio de Comunicación Humana**. Departamento de Turismo del Gobierno de Mexico. México, 1967. 226 p.
- FÁVERO, I. **Políticas de turismo**: planejamento na região uva e vinho. Caxias do Sul, RS: EducS, 2006. 150p. Disponível em: <https://ivanefavero.com.br/wp-content/uploads/2018/08/LIVRO.pdf>. Acesso em: 15 fev 2024.
- GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **@Cidades**. Brasil, Rio Grande do Sul, Linha Nova. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/linha-nova/panorama>. Acesso em: 12 dez 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **@Cidades**. 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 jan 2024.
- INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000.
- JAFARI, J. Toward a Framework for Tourism Education: Problems and Prospects. **Annals of Tourism Research**, v.8, n.1, p.13-34, 1981. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90065-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90065-7). Acesso em: 01 mar. 2024.
- KASPER, H. **O Processo de Pensamento Sistêmico**: um estudo das principais abordagens a partir de um quadro de referência proposto. 2000. 308 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/9013>. Acesso em: 10 dez 2023.
- KNUPP, M. **Fundamentos do Turismo** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2015. 2Mb. PDF. 195 p.
- LEÃO, A.; DALLGALO, A.; KANASHIRO, M. Mudanças no comportamento de caminhada durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL

DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 19, 2022, Canela. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2022. p. 1-10. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/entac/article/view/2022/1970>. Acesso em: 11 dez 2023.

LEIPER, N. The Framework of Tourism: Towards a Definition of Tourism, Tourist and the Tourist Industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, p. 390-407, 1979. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90003-3). Acesso em: 01 mar. 2024.

LINHA NOVA. **Decreto Municipal nº 1.793**, de 07 de fevereiro de 2022. Plano Municipal de Desenvolvimento da Cultura e Turismo. 2022. Disponível em: <http://www.linhanova.rs.gov.br/web/legislacao/ver/1866/1793>. Acesso em: 10 dez 2023.

LINHA NOVA. **Spasweg**: caminhos autoguiados. 2024a. Disponível em: <http://www.linhanova.rs.gov.br/web/spasweg>. Acesso em: 11 fev 2024.

LINHA NOVA. **Produção primária corresponde a 92% do retorno do ICMS gerado no município**. 2024b. Disponível em: <http://www.linhanova.rs.gov.br/web/noticia/1636/producao-primaria-corresponde-a-92-do-retorno-do-icms-gerado-no-municipio>. Acesso em: 05 mar 2024.

LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACIEL, L.; SILES, M.; BITENCOURT, M. Alterações na vegetação herbácea de floresta ombrófila densa decorrentes do uso em uma trilha turística na Serra do Mar em São Paulo, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v.25, n.3, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062011000300016>. Acesso em: 28 fev 2024.

MADERUELO, J. **El Paisage**: génesi de um concepto. Madrid: Abada Editores, 2005.

MAIOLI, M.; TOMELIN, C. Estratégias competitivas praticadas por empresas de organização de eventos de Curitiba e região metropolitana – PR. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 7, n. 2, p. 240-259, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/16975/12281>. Acesso em: 25 fev 2024.

MARCONDES, N.; BRISOLA, E. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>. Acesso em: 12 dez 2023.

MEIRA, J.; CONCEIÇÃO, C.; ANJOS, F. Aplicação da abordagem sistêmica no turismo: uma análise dos artigos publicados nos anais dos seminários da ANPTUR. **Anais da ANPTUR. SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**, 12. 2015. Natal, RN. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283053897_Aplicacao_da_Abordagem_Sistematica_no_Turismo_Uma_Analise_dos_Artigos_Publicados_nos_Anais_dos_Seminarios_da_ANPTUR. Acesso em: 15 fev 2024.

MENDES, H. Acerca da paisagem. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 37-46, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/62798>. Acesso em: 25 fev 2024.

MINAYO, M.; SOUZA, E.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M.; ASSIS, S.; SOUZA, E. (ORG.) **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. 1. reimp. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2005. 244 p.

MOLINA, S. **Conceptualización del Turismo**. México: Limusa, 1991.

MORAES, A.; MONT'ALVÃO, C. **Ergonomia**: conceitos e aplicações. 4. ed., rev. atual. e ampl. Teresópolis, RJ: 2AB, 2010. 223 p.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 276 p.

SEBASTIÃO, G. A paisagem como forma simbólica: uma análise da teoria da paisagem de Anne Cauquelin. **ARS**, n. 41, ano 19, p. 493-521, UFABC, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e2f0/99e84cc3b8446a5a86a1672e19e1569a3506.pdf>. Acesso em: 15 fev 2024.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SENGE, P. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende. São Paulo: Editora Best Seller, 2018.

SESSA, A. Turismo e Política de Desenvolvimento. Porto Alegre: Uniontur, 1985.

SOULARD, D. **Impacts of Recreational Trails on Wildlife Species**: implications for Gatineau Park. 2017. 67 f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade ambiental). University of Ottawa: Institute of the Environment, Ottawa, Canadá, 2017. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/server/api/core/bitstreams/2777e3ef-1ea4-473d-b1cd-aecbcc5e7cff/content>. Acesso em: 01 mar 2024.

THIRY-CHERQUES, H. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, v. 3, n. 2, p. 20-27, 2009. Disponível em: http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf. Acesso em: 03 mar. 2024.

TONIOL, R. A caminhada como produtora de sentidos: uma etnografia das experiências de “caminhadas na natureza” no âmbito de uma política pública. **Revista Transporte y Territorio**, n. 5, 2011, Universidad de Buenos Aires. p. 29-47. Disponível em: www.rtt.filo.uba.ar/RTT00503029.pdf. Acesso em: 31 jan 2024.

VÍCTORA, C.; KNAUTH, D.; HASSEN, M. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo, 2000.

XUNTA DE GALÍCIA. **O caminho de Santiago**. 2024. Disponível em: <https://www.caminodesantiago.gal/pt/inicio>. Acesso em: 03 mar 2024.

WHITE, W. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZANINI, P.; MORAES, G.; MARIOTTO, F. Para que servem os Estudos de Caso Único? ENCONTRO DA ANPAD, 35. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317693973_Para_que_servem_os_Estudos_de_Caso_Unico. Acesso em: 15 fev. 2024.

Endereço dos(as) Autores(as):

Christian Albers
Endereço eletrônico: arqchristianalbers@gmail.com

Michele Barth
Endereço eletrônico: mibarth@feevale.br

Dieter Brackmann Goldmeyer
Endereço eletrônico: dieter.goldmeyer@feliz.ifrs.edu.br